

PARQUE

E

CENTRO:

1971

JULHO-AGOSTO



P A R Q U E & C E N T R O

BOLETIM MENSAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO

PUBLICAÇÃO DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO

Responsável:- Nora Lúcia Moreira

A N O III

JULHO E AGÔSTO

1971

Í N D I C E

págs.

Aos Senhores Educadores	1
O Treinamento da Sensitividade Social.....	2
Adolescente	9
Exposição	13
Ajustamento Social	17
A Dança	19
Nova Pedagogia da Educação Física Infantil	21
Os Legumes (peça p/ teatro de fantoches)	26
O Vaporzinho (dramatização)	30
Aniversariantes de agosto	32

*



Senhores Educadores

1

O Boletim "PARQUE & CENTRO" publicação deste Departamento tem de acompanhar a dinâmica do processo educacional— Isso não será possível sem a estreita colaboração entre a "teoria e a prática" educativas pois que esta é que irá provar a validade daquela— Ora, a publicação das experiências e realizações, devidamente controladas, de cada educador constitui material rico para estudo e pesquisa do setor técnico, contribuindo além disso para que outros educadores possam delas se valerem para sua atividade educativa.

Precisamos pois de sua colaboração para que cada novo número deste Boletim traga novas idéias, novas técnicas de trabalho, novas experiências efetivamente vivenciadas, nos Parques e Centros, dinamizando o intercâmbio entre todos aqueles que trabalham para o mesmo fim:— a educação de nossos parqueanos e dos jovens de nossos Centros.

Enviem também sugestões para a melhoria e atualização do Boletim. Alguma outra secção? Resenhas bibliográficas? Noticiário Nacional e internacional sobre educação. Assuntos culturais? O que mais gostariam de propor como âmbito de ação de nosso Boletim?

Aguardamos sugestões e temos a certeza de estarmos "sintonizados" na mesma faixa de comunicação — isto é — com os olhos voltados para a mesma direção buscando a melhor forma de ação a serviço de nossas crianças e adolescentes.

Encaminhem seus trabalhos para Nora Lúcia no Setor da Biblioteca, e quando vierem ao Departamento procurem por ela para um "bate papo" informal e amigo.

A Diretoria

-O-O-O-

-O-



O TREINAMENTO DA SENSITIVIDADE SOCIAL

Prof. Francisco Pedro E.P. de Souza

Um novo tipo de curso de treinamento está em crescente aceitação em várias áreas nos E.U.A. Com algumas variações nas técnicas empregadas, êle é geralmente chamado de Treinamento da Sensitividade.

As áreas profissionais em que se tem realizado Cursos de Treinamento da Sensitividade, são inúmeras e variadas: diretores de empresas, supervisores de equipes de trabalho, funcionários públicos em função de chefia, educadores, assistentes sociais, profissionais, liberais e estudantes de humanidades. Poder-se-ia afirmar que todos os setores interessados em relações interpessoais e liderança têm participado dessa forma de treinamento, agora em plena voga.

QUE É TREINAMENTO DA SENSITIVIDADE ?

O treinamento da sensitividade visa desenvolver uma série de aptidões e habilidades, tôdas elas de natureza psico-social.

Compreensão dos outros, de si mesmo, dos processos e dinâmica grupal, de modo a poder contribuir construtivamente em trabalhos de equipe. Também visa ampliar a compreensão do contexto organizacional e cultural onde ocorrem as suas relações interpessoais. A compreensão acurada desses processos é chamada "sensitividade social".

Entretanto, não se pretende apenas desenvolver a sensitividade social neste tipo de treinamento. Flexibilidade de comportamento ou adaptabilidade a situações diferentes, e, principalmente, a situações de grande tensão emocional formam a outra face dos objetivos visados.

Capacidade de ouvir, de se colocar na posição dos outros e de formular mensagens significativas para os outros, estariam subentendidas nesta adaptabilidade.

Os autores envolvidos nesses programas geralmente se orientam baseados na hipótese de trabalho que considera o desenvolvimento da



sensitividade social e da adaptabilidade positivamente correlacionadas com a maturação da personalidade — ou auto-realização do indivíduo, conforme outros preferem denominar.

AS TÉCNICAS

Alguns podem pensar que treinamento da sensitividade utiliza simplesmente técnicas de psicoterapia de grupo para o desenvolvimento de aptidões de compreensão humana e liderança em grupos de profissionais anteriormente mencionados neste trabalho.

Outros diriam que há técnicas próprias desses tipos de treinamento desenvolvidas pela equipe inicialmente lideradas por Lewin, iniciador do movimento chamado "dinâmica de grupo".

Ainda outros chamariam a atenção para a influência de Carl Rogers e seus colaboradores, cujo ponto de vista em psicoterapia, aconselhamento e liderança administrativa é amplamente aceito pelos expoentes do "Treinamento da sensitividade". Sullivan também é considerado por alguns como tendo influído incisivamente nas técnicas empregadas nesses programas pela sua teoria das relações interpessoais.

Apesar dessas diferenças de ordem "doutrinária", há mais concordância do que divergência neste campo, principalmente quanto à técnicas utilizadas.

Estes programas geralmente duram de trinta a sessenta horas. A forma mais frequentemente realizada consiste em duas semanas de tempo integral em algum local isolado e aprazível.

Os participantes são preferentemente em número de dez a quinze embora haja grupos de até trinta.

O treinador é geralmente um psicólogo ou educador, com experiência adequada no campo e muitas vezes se faz acompanhar de um observador.

A técnica fundamental consiste no estabelecimento de clima

de receptividade à participação individual autêntica. O treinador ou "líder" propicia esse clima, deixando a situação inicial não-estruturada, isto é, ao sabor do grupo. Isso geralmente provoca um silêncio durante o qual se desenvolve uma tensão emocional e várias expectativas no grupo. Esta tensão então vai ser expressa em formas diversas que traduzem as referidas expectativas, como veremos mais tarde. O papel do líder é, então, o de um catalizador do processo. Este reflete os sentimentos expressos e envoltos nas diversas verbalizações e atitudes, num tom de compreensão e receptividade; resume trechos das reuniões ou os reproduz com o auxílio de um gravador de fita para a consideração e melhor análise pelo grupo; ele também usa estímulos discretos para evitar o monopólio do grupo por membros mais ansiosos. Dessa forma o grupo procede em constante interação e desenvolvimento.

O PROCESSO

Inicialmente surgem, quase sempre, perguntas procurando testar o que compete a cada um e procurando verificar quão perigosa é, realmente, essa situação não-estruturada, à qual se empresta tons de ameaça elaborados por fantasias — muitas de natureza inconsciente.

Um pouco mais seguros de si, muitos membros do grupo tendem a se justificar e a autoafirmar-se por meios diversos.

Entretanto, a atitude do líder, receptiva, e de estímulo à consideração dos sentimentos e emoções existentes por trás dos gestos e verbalizações, tende a provocar "insights" em um clima de confiança mútua crescente.

Aos poucos, com várias oscilações para os vários membros, o grupo vai sendo envolto pelo sentimento de "nós": os membros vão se integrando em um grupo efetivo.

As defesas inicialmente mobilizadas são então menos necessárias, e o "aqui e agora" da situação grupal começa a ser mais diretamente considerado, conforme percebido pelos diversos membros. A maior par

te do sucesso do programa já está garantida quando esta fase é alcançada.

Em resumo, o grupo passa de uma fase inicial caracterizada pela preocupação com "dependência e poder" para outra final em que o foco torna-se "considerações pessoais e de interdependência".

COMPARAÇÃO COM SEMINÁRIOS, REUNIÕES DE SERVIÇO E PSICOTERAPIA DE GRUPO

Esta comparação poderá ser útil para melhor se situar o treinamento de sensibilidade.

Seminários e reuniões se processam em um nível consciente e racional, pelo menos com o foco da atenção dos participantes voluntariamente concentrado neste nível e envolvendo conhecimentos e motivos de ordem racional.

O foco do treinamento da sensibilidade tende a ser, todavia, os sentimentos e emoções em nível consciente ou pré-consciente, enquanto que na psicoterapia de grupo o foco tende a ser as motivações inconscientes.

Outra diferença está no fato de o treinamento da sensibilidade ser de prazo previamente limitado (como os seminários) o que não ocorre na psicoterapia de grupo, onde os clientes decidem sobre o término da sua participação (geralmente em acordo com o psicoterapeuta).

R E S U L T A D O S

Até agora não são conhecidos resultados que provem de modo irrefutável a excelência desses programas de treinamento da sensibilidade, embora seja visivelmente crescente o entusiasmo por eles despertado.

Os achados das pesquisas no campo são, porém, claramente positivos. Já se acumulou nessa área, com grande rigor de análise qualitativa e quantitativa, apreciável evidência demonstrando o sucesso de vários programas de treinamento da sensibilidade.

Excertos de diários de participantes de grupos de treinamen-

to da sensibilidade sugerem, vivamente, os sentimentos e impressões que restam por ocasião da conclusão de um grupo.

"Para mim êle foi ao mesmo tempo agradável e benéfico... Agora eu sei como eu agiria se nós fôssemos fazer tudo de novo. Eu não me envolvi bastante, mas agora não adianta lamentar.

"Eu sinto que tenha terminado — por muitas razões. Uma delas é que eu aprendi mais sobre mim mesmo e os outros, do que em qualquer outra experiência em meus 22 anos.

"Talvez, mais tarde, eu possa olhar atrás para dizer: "Por Deus eu aproveitei de fato alguma coisa com êsse curso danado! Sômente o tempo poderá dizer!"

A maioria dos indivíduos num grupo tornaram-se conscientes, / conforme as anotações em seus diários indicam, que um processo foi iniciado, um processo de sensitização a relações interpessoais que não será interrompido pela dissolução do grupo.

APLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PSICOLOGIA DO ENSINO NORMAL

Para os professôres de psicologia do ensino normal, talvez um dos aspectos do treinamento de sensibilidade de maior destaque seja o fato de que se trata de um processo visando fundamentalmente aprendizagem emocional e não conceitual. O foco do programa é a vivência dos participantes e não um corpo de noções a lhes ser ministrado. Naturalmente, por indução, ocorre também aprendizagem conceitual durante programas de treinamento da sensibilidade.

Dêsse ponto decorre a vantagem básica: o treinamento da sensibilidade propicia um contato direto com o próprio objeto da psicologia.

A inclusão de programas de treinamento da sensibilidade, dentro do currículo de formação dos professôres de psicologia e do Ensino Normal, seria a maneira de se facultar êsse contato direto. A forma espe

cífica seria talvez, pelo menos inicialmente, como programa de aperfeiçoamento para professores já em exercício.

Evidentemente, outras vantagens estariam implícitas na realização de tais programas. O enriquecimento da personalidade e o desenvolvimento da capacidade de comunicação dos professores, seriam acompanhados da experiência com uma série de técnicas de ampla aplicação futura, em aulas concebidas conforme os modernos princípios de aprendizagem. As experiências de "ensino centralizado no educando" sugeridas por Rogers são um exemplo dessa aplicabilidade; são também um desafio aos professores interessados realmente em educar.

PONTOS DISCUTÍVEIS

Existem pontos controversos em treinamento da sensibilidade como em outros programas experimentados já a mais tempo.

Alguns acham que certos participantes podem sair simplesmente excitados e ansiosos de um programa desses, sem terem encontrado solução para os seus problemas.

Outros acham que, numa sociedade acostumada com situações bem estruturadas e baseada na ordem, não há clima para aplicação das orientações implícitas nessa forma de aprendizagem.

É difícil responder satisfatoriamente a estas questões, pois elas têm geralmente uma carga emocional. Evidentemente, o treinamento da sensibilidade pode parecer ameaçador para indivíduos identificados com um conceito de si mesmos por demais cristalizado, e portanto tendentes a resistir a qualquer sugestão de mudança. Para esses não seria conveniente mudar.

Se analisarmos atentamente poderemos ver que ambas as dificuldades mencionadas têm essa mesma motivação.

Por outro lado, é conveniente se fazer no mínimo uma seleção superficial dos participantes, pois a natureza do treinamento da sensibilidade (em especial seu prazo limitado) não o faz recomendável a in



divíduos propensos a crises em situações de "stress", embora possa propiciar a alguns participantes efeitos terapêuticos.

Entretanto, as sessões de treinamento da sensibilidade provêm um clima emocional geralmente de maior segurança do que muitos encontrados em situações da vida diária. O líder está, também, constantemente atento para que não seja exercida pressão excessiva sobre nenhum dos participantes.

C O N C L U S Õ E S

O treinamento da sensibilidade é um novo conjunto de técnicas, formando um programa de aprendizagem emocional predominantemente pré-consciente, do qual podem participar todos os interessados em relações inter-pessoais.

Dessa forma, situa-se entre o seminário de estudos e a psicoterapia do grupo, cujos processos tendem a ser focalizados dos níveis consciente e sub-consciente, respectivamente.

Recomenda-se esse tipo de aprendizagem especialmente aos professores de psicologia do Ensino Normal e de disciplinas afins, pela intrínseca afinidade entre a natureza do treinamento da sensibilidade e o objeto dessa cadeira.

-O-O-O-O-O-

//*/*

-O-



A D O L E S C E N T E

RUTH GOUVEIA

FORMAÇÃO de valores é um dos aspectos de um processo total de desenvolvimento. Quando pensamos na formação de caráter do adolescente, temos que ter presentes sua natureza e necessidades.

Adolescente é corpo que cresce, se transforma e se agita com os mistérios da puberdade; é sensibilidade aguda, cheia de fantasias e de sonhos; é anseio e aventura, é amor; é ressentimento porque não encontra consideração nem compreensão ao que deseja; é personalidade que já teve infância, com peculiaridades de herança de cultura e de experiência própria.

A base sobre a qual se constitui o caráter se compõe das várias estruturas: fisiológica, psíquica e social. Seria longo, revê-las aqui, e desnecessário em se tratando de vocês, professores que me lêem. Para maior objetividade, porém, destacamos alguns problemas da adolescência.

1. — Transformações físicas. Crescimento e desenvolvimento exigem exercício físico; os adolescentes querem ar livre, movimento, barulho. São agitados pelos estímulos orgânicos do sexo e quase sempre sem nenhuma orientação prévia. O conhecimento novo aumenta-lhes a preocupação e uma curiosidade justificável atinge o interesse sexual. Ocorre, nesta fase, um cuidado exagerado com o "eu" físico; a aparência pessoal tem para êle (ou ela) importância capital; verifica-se também o desejo de impressionar pessoas do outro sexo.

2. — Curiosidade e reavaliação de conhecimentos. Duvidam das informações recebidas na infância. Têm uma grande curiosidade pelo mundo e, na ânsia de se tornarem adultos, desejam explicação racional para tudo. São às vezes dogmáticos, quando possuem idéias novas que os atingem, repetem-nas como se foram suas, an

tes mesmo de um trabalho mental de análise. A religião os atrai de maneira especial sendo comum, nesta época, uma reavaliação dos dogmas religiosos aprendidos na infância, dando margem a uma série de dúvidas e rebeldias.

3. — Crítica e autocrítica

O pensamento reflexivo que se desenvolve nesta idade, caracteriza uma evolução no espírito de crítica. Tornam-se tremendamente críticos tanto em relação aos outros como a si mesmo. Não é difícil que apareçam complexos nesta idade. E os defeitos ou qualidades dos professores são por eles exagerados e fazem de nós não um retrato, mas caricatura.

4. — Liberdade e autoridade

Buscam a todo custo a liberdade, revelando oposição sistemática à autoridade que se impõe. Querem saber a razão das ordens que recebem e reagem se não lhes parecem razoáveis. Precisam dinheiro para gastar no que julgam conveniente, sem prestação de contas. Projetam-se além da família, no meio da qual se sentem tolhidos. Entre os parentes mais velhos não têm oportunidade de se afirmar, de decidir de igual para igual, de assumir responsabilidades, de mandar e de ser obedecido. Na família, sentem-se crianças que devem ouvir conselhos e obedecer aos mais velhos. Desejam confidentes que tenham problemas iguais aos seus, com os quais possam desabafar.

5. — Insegurança afetiva

Refletem insegurança afetiva em relação a companheiros de um e de outro sexo; têm sede de amor, precisam ser queridos.

6. — Moral

O sentimento moral, na adolescência, aparece sob forma objetiva de experiência e obrigações recíprocas. Desejo de moralidade ligado a preocupação intelectual de conseguí-la. Ideais muito elevados e prática precária.

7. — Grupo

Unem-se, em geral, a um pequeno número de companheiros fixos; desenvolvem amizade, intimidade, confiança e lealdade. Partilham-se

gredos. alegrias, tristezas, responsabilidades, insucessos e triunfo. Sen-tem-se parte integrante, influem e sofrem influência do grupo, como um todo.

B A S E S

PARA ORIENTAÇÃO

A ESCOLA de nível médio considera estas necessidades vitais do adolescente?

Classes numerosas nas quais o adolescente permanece no anonimato, muita matéria e professores com tempo restrito para aulas, faz com que o sistema seja ainda ouvir aula, decorar lições do livro ou dos pontos, responder os testes; tudo trabalho exterior. Pouquíssimas ocasiões para reflexão, comparação, conclusão e criação.

Nossa missão é atender às necessidades profundas do desenvolvimento e prover oportunidades para experiências significativas. Um clima de segurança e afeição deve marcar o ambiente escolar. O adolescente precisa estar envolto num meio ao qual se sinta que pertence, do qual é parte integrante e aceita tal qual é.

O clima da escola é muitas vezes hostil; a luta mensal é para conseguir as notas exigidas pela lei; trava-se uma relação de antagonismo entre professores e alunos. Reduzido é o relacionamento entre os colegas, que durante as aulas, sentados um atrás dos outros não devem falar, a não ser quando interrogados pelo mestre.

Os mais modernos estudos da psicologia revelam a importância das relações que a criança e o adolescente realizam em grupos pequenos para o desenvolvimento de sua personalidade.

Mac Dougall em sua Psicologia Social descreve os quatro níveis da conduta humana. No primeiro, a conduta é instintiva, modificada pelas consequências de dor e de prazer. No 2º estágio a ação dos impulsos instintivos é modificada pela influência de prêmios e castigos administrados mais ou menos, sistematicamente pelo adulto. Por isso, o elogio e a censura dos pais têm importância no treino moral dos filhos. Os atos indesejáveis devem ser seguidos de reprovação evidente, e o que é muito



mais importante, os atos bons devem ser convenientemente comentados. O resultado agradável tende a fazer um processo mais firmemente fixado, é o hábito formado; o efeito do resultado desagradável é para inibir a repetição do ato, e o desenvolvimento do hábito prevenido ou enfraquecido. Estas aprovações e reprovações do adulto vão marcando a idéia que a criança faz de si. Por um processo de experimentar a si mesma, os fracassos e sucessos desenvolvem-lhe a capacidade de discernimento. Para adquirir auto-confiança e iniciativa, necessita encorajamento e assistência de pessoas mais velhas.

Para que a criança não se torne rebelde nem enfraqueça seu espírito de independência, o adulto deve gradualmente explicar os "nãos" e obter adesão progressiva ao valor da obediência. Uma relação de confiança mútua é valiosa na formação dos valores morais. Os jogos coletivos também têm importância capital nesta fase, pois que as recompensas e castigos são determinados pelas regras do jogo, iguais e imparciais para todos, inclusive o adulto, quando se une às crianças para brincar.

No 3º nível junta-se uma nova força, a do grupo de companheiros de sua convivência. A conduta é controlada, principalmente, pela previsão da aprovação ou reprovação social. É bem de ver que os motivos analisados anteriormente, força instintiva e aprovação do adulto continuam a influir, porém, o desejo de aprovação, do seu círculo de associados é o mais decisivo. Há uma participação na fixação dos padrões de conduta aos quais ele se submete, desejando ser elogiado por sujeitar-se a eles.

Verifica-se nesta fase, mais do que em outras, a necessidade de pertencer a um grupo, de constituir o seu grupo; identificando-se aos companheiros criam um forte espírito de grupo. Neste nível estão os adolescentes, e o educador pode influir melhor, através de sábia supervisão do grupo. Adolescência é também um período de emoções intensas, e como o caráter está intimamente ligado às emoções, é principalmente desenvolvido nesta fase. O adulto que ganha confiança do grupo pode con-

correr para a formação de padrões que permanecerão na vida adulta.

No 4º nível o ideal propulsiona a ação; o indivíduo é levado a fazer o que considera o bem, mesmo antevendo reprovação de seu grupo. Há mais empenho em ser verdadeiro consigo mesmo, que em ganhar sucesso.

Ultimando o estudo dos níveis de caráter chamamos atenção para dois pontos capitais:-

1. — Todos sofremos as influências das forças instintivas, o respeito de autoridade por nós reconhecida, e o desejo de manter aprovação social, embora mais forte seja o nosso foro íntimo, nossa aprovação espiritual;
2. — A conduta moral do adolescente se passa no 2º e principalmente no 3º nível. "O papel dos educadores é compreender e amar os adolescentes tais como são, a fim de torná-los como devem ser".

//*/*
/

E X P O S I Ç Ã O

A Secção de Educação Agrícola, da Divisão de Assistência e Nutrição — Departamento de Assistência Escolar, fêz realizar em sua sede, à Praça Lucélia, nº 10 - Sumaré, de 28 de junho a 2 de julho, exposição de encerramento da Campanha Educativa de Conservação do Solo - 1971.

Foram expostos trabalhos executados pelos parqueanos dos nossos Parques Infantis, durante a Campanha iniciada a 15 de abril p.p., "Dia da Conservação do Solo".

"PLANTAR, é CONSERVAR O SOLO". Aos parqueanos foram ministradas noções desde a formação do solo, horta, até as grandes culturas.

Assim ficaram divididos os trabalhos entre as unidades participantes:



1 - Tema:- "OLERICULTURA" - verduras e legumes.

Orientadora Agrícola - Ilce de Andrade

Unidades participantes:- P.I. Pirituba - 77
P.I. Pirituba - 97
P.I. Jaguará
P.I. Vila Clarice
P.I. Vila Mangalot

2 - Tema:- "FRUTICULTURA"

Orientadora Agrícola - Maria Cristina V.A.R. Alves

Unidades participantes:- P.I. Anita Costa
P.I. Colombo
P.I. Jardim Ana Rosa
P.I. Jardim Niagara
P.I. Leonor Mendes de Barros
P.I. Neusa M. Rossi
P.I. São Paulo
P.I. Ten. Paulo Alves
P.I. Vila dos Bancários

3 - Tema:- "CAFÉ"

Orientadora Agrícola - Maria Elisa M. Amado

Unidades participantes:- P.I. Chácara Califórnia
P.I. Cidade Mãe do Céu
P.I. Engº. Goulart
P.I. Gomes Cardim
P.I. Penha
P.I. Santa Terezinha
P.I. São José do Maranhão
P.I. Vila Buenos Aires

4 - Tema:- "ALGODÃO"

Orientadora Agrícola - Maria Joana P. Pieper

Unidades participantes:- P.I. Bairro Siciliano
P.I. Vila Anastácio
P.I. Vila Ipojuca



"CONSERVE O SOLO REFLORESTANDO"

5. Tema:-

Orientadora Agrícola - Neusa S. Gabarra

Unidades participantes:- P.I. Alto da Lapa
P.I. Dona Leopoldina
P.I. Neide Guzzi

6. Tema:- "AS FERRAMENTAS" - sua utilidade e uso

Orientadora Agrícola - Paulina B. Ippólito

Unidades participantes:- P.I. Formosa Novo
P.I. Formosa Velho
P.I. Guilherme Rudge
P.I. Marcílio Dias
P.I. Santo Estevão
P.I. São Rafael
P.I. Vila Manchester
P.I. Vila Oratório

7. Tema:- "CANA DE AÇÚCAR"

Orientadora Agrícola - Yolanda Bellini Stenghel

Unidades participantes:- P.I. Casa Verde
P.I. Cruz das Almas
P.I. Guia Lopes
P.I. Itaberaba
P.I. Peruche
P.I. Manoel Preto

Estiveram presentes à inauguração o Exmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura, Dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza, o Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Assistência Escolar, Dr. Cornélio Pedroso Roemberg, Ilma. Sra. Chefe da Divisão de Assistência e Nutrição, D. Zari fe Nache, Ilmo. Sr. Antonio Lopes Faria do Departamento de Administração do Município de São Paulo, Prof. Luiz Eduardo Coutinho - S.E., Dr. Armando Lucato - Oficial de Gabinete do Instituto Brasileiro do Café, Dr. Manoel Cesar de Andrade - PMSP - Cont 21, Dr. Alcindo Telles Holmer - Pref.C.E., Sr. Rodolfo Ricardo Gerser - Presidente da Sociedade

Brasileira de Paisagismo, Sr. Wilson Lion Araujo da Sociedade Amigos da Cidade de São Paulo, Dr. Celso Queiroz Mattoso da Seção de Conservação do Solo e Água - Secretaria da Agricultura, moradores do bairro (Sumaré), familiares de funcionários, dirigentes, educadores e parqueanos, merecem do destaque especial a fanfarra do Parque Infantil Manoel Preto.

Recebemos ainda a visita de quarenta e três (43) bolsistas de vários Estados do Brasil, atualmente fazendo cursos na Faculdade de Higiene, acompanhados pelo Sr. Diretor do Departamento de Assistência Escolar, da Ilma. Sra. D^a. Ruth Amaral Carvalho - Chefe de ED. 101; Rosa Harminato, Maria Aparecida Vieira, Relia Milsani, Massumi Oki - alunas de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública, de vários Parques Infantis, escolas particulares e imprensa (escrita e falada), interessada na divulgação do nosso trabalho: TV - Tupi - Canal 4, que fez a divulgação através de seus noticiários (de 12,30 e 19,30 horas, do dia 5 de junho p.p.), Diário Oficial de São Paulo e Fôlha de São Paulo.

Creemos ter alcançado nosso objetivo, no desenvolvimento de mais uma Campanha Educativa, já que a mostra valeu para complementar os ensinamentos ministrados aos nossos parqueanos. Os visitantes eram acompanhados pela educadora agrícola, encarregada de transmitir as explicações necessárias.

Os "stands" onde expusemos em destaque o trabalho da criança e do educador, foram enriquecidos por material gentilmente cedido pelo I.B.D.F. I.B.C., "SAMBRA", "Campanha Melhoramentos". C.E.A.S.A., Bolsa de Mercadorias de São Paulo, Cooperativa de Açúcar e Alcool e pela Secretaria da Agricultura que, através de seus técnicos, o Engenheiro Agrônomo, Dr. Celso Queiroz Mattoso, nos orientou e auxiliou na montagem da exposição.

*/**/**/*

/



AJUSTAMENTO SOCIAL

Pré-Adolescência - Algumas
Aprendizagens Fundamentais

Juracy G. Marques

O grupo se torna muito importante para a maioria dos pré-adolescentes. É nele que o pré-adolescente aprende formas de ajustamento social. Entre as lições que pode receber, participando a um grupo (vizinhança, escola, igreja, clube, etc), estão:

1 - cooperação — os meninos e meninas aprendem que eles têm de ser hábeis no que se refere a dar e receber, do contrário serão postos fora do grupo;

2 - um senso de valor pessoal — a criança aprende a compreender o que a torna bem aceita no grupo e procura usar destas mesmas atitudes em relação a outros grupos;

3 - consideração pelos outros — ela tem de aprender a controlar seus ansêios de mando e dominância, do contrário os outros a põem de lado;

4 - a habilidade de levar avante seus planos sem o auxílio do adulto — a criança progride em independência e auto-confiança, ainda quando muita "briga" possa acompanhar as decisões;

5 - um sentimento de encontrar a si mesmo através do grupo — muitas crianças começam a ter de pensar e fazer decisões, somente nesta época, quando passam a fazer parte de grupos informais de sua idade.

O grupo de que falamos aqui, é o grupo de brinquedo, que se forma espontaneamente, por circunstâncias variadas. Naturalmente, nem todas as crianças têm a mesma facilidade de pertencer ou formar estes grupos espontâneos. Muitas delas podem viver momentos de intensa inquietação por terem sido rejeitadas pelo grupo.

As crianças bem dotadas e as tímidas nunca chegam a desenvolver um real sentimento de pertencer. Com estas crianças que apresentam dificuldades de encontrar seu próprio carinho, em seus grupos de idade, nós podemos fazer alguma coisa. Por exemplo, encaminhá-las para um grupo organizado de recreação, ou seja, um grupo dirigido por adultos. Determinadas habilidades são importantes para que o pré-adolescente se sinta bem nos seus grupos de convivência. E estas habilidades são a-

prendidas. O grupo organizado pode oferecer oportunidade de desenvolvimento destas habilidades: andar de bicicleta, nadar, jogar futebol, conhecer alguns artistas de rádio, cinema e televisão, estar familiarizado com o conteúdo de revistas comuns nesta idade, saber como receber um amiguinho e saber como portar-se quando em visita, etc.

Muitas pessoas evitam as situações sociais ou se sentem mal quando as vivem, simplesmente porque não tiveram a oportunidade de aprender umas poucas atitudes e técnicas que tornam o comportamento social mais espontâneo, natural e bem sucedido.

Por isso convém que ensinemos a nossos alunos o "como" alcançar melhor ajustamento social. Podemos começar falando sobre o que é ter uma atitude esportiva, recomendando entre outras coisas, estes três pontos:

- 1 - participe do trabalho de seus companheiros, não fique de lado;
- 2 - saiba perder sem ficar com riva e sem apresentar descontrole quando você não está entre os que ganharam;
- 3 - não ria dos outros, nem faça piadas com relação a seus companheiros de brinquedo, trabalho ou jogo.

Podemos ensinar às crianças que quando alguém não se sente bem, este alguém mostra seus sentimentos pela fisionomia, pela sua postura, pelos seus gestos. Podemos ensinar, também, que nós devemos compreender e respeitar estes sentimentos. Muitas dificuldades sociais seriam evitadas se soubéssemos, desde cedo, distinguir os diversos significados que podem ter as atitudes externas.



A D A N Ç A . . .

A dança é um jogo corporal estilizado: movimentos do corpo, dos membros, dos músculos. Movimento ritmado procurando agradar os sentidos, não apenas pelo prazer do próprio movimento como o jogo mas também pela beleza das formas e das posturas corporais. A dança foi a primeira manifestação de arte dos povos primitivos. A dança é universal. As pesquisas etnográficas têm-na encontrado em tôdas as partes do mundo, tanto entre os povos de civilização adiantada, como entre os negros da África, os indígenas da América e da Oceânia. E isso indica que essa necessidade da arte no homem, é também universal.

A arte primitiva é um desdobramento da dança e, portanto, o desdobramento de uma forma de jogo estilizado.

A dança faz parte do processo educacional de desenvolvimento infantil. Portanto, ela deve ser compatível com a filosofia que governa o resto do nosso aprendizado.

Desde que por longos anos mantivemos a convicção de que uma pessoa não dança enquanto não tenha aprendido, é natural que parte do nosso trabalho, como professoras, deve ser o de ajudar a criança a combater suas inibições que frequentemente resultam desse condicionamento.

Podemos mostrar-lhe que a gente caminha e fala sem ter recebido lições de como caminhar e de como conversar; que a gente canta sem lições de canto e que muita gente aprende a tocar instrumentos por si mesmo e que a dança é tão natural como qualquer outra atividade de que facilmente desenvolvemos.

Naturalmente, não poderemos ensinar a naturalidade da dança como meio de expressão, se as primeiras experiências da criança com a dança estão no campo do ballet.



A experiência da dança espontânea precisa vir em primeiro lugar. As experiências devem ser muito variadas e cheias de significação para a criança. Pode-se objetar. O que? Dançariam as crianças antes de aprender? Nossa resposta é: Sim, se aprender implica a aquisição de habilidade antes da experiência.

A dança quando espontânea, é meio de expressão. É técnica de psicoterapia para a personalidade instável, reprimida ou revoltada. A dança deve ser, antes de tudo, para a criança, manifestação direta de atividade, ginástica primitiva, forma ingênua de gesto infantil. É também manifestação do instinto do ritmo e reação à sensação musical.

A dança completa a dramatização, pois é expressão do corpo e mímica natural na criança.

Há três tipos de danças que podem ser dadas no Jardim:

Danças artísticas

Danças folclóricas

Danças espontâneas ou criativas

Dêstes três tipos de danças, as mais aconselháveis como meio educativo são as espontâneas ou criativas.

Deixemos que a criança dance espontaneamente, que crie seus movimentos ao ouvir a música. Lições de dança devem ser adiadas até que a criança esteja fisicamente amadurecida e emocionalmente estável para suportar desânimo, cansaço e treinos.

COMO ENSINAR UMA DANÇA FOLCLÓRICA

A aprendizagem é feita por imitação. A professora executa o passo ou movimento e a criança a acompanha obedecendo a uma contagem. O desenvolvimento rítmico que se inicia com a dança pode ser auxiliado com exercícios específicos, como batidas de pés, mãos, progressões, andando, correndo, saltitando, giros e outros movimentos destinados a este fim, executados ao som de instrumentos de percussão, piano, ou mesmo canto, sendo este último excelente recurso.

Após a aprendizagem dos passos e movimentos de coreografia, entrará então o acompanhamento musical. Esta aprendizagem traz alegria e prazer aos pequeninos. Para maior interesse podemos dar nomes familiares



res às figuras inseridas na dança. Esta nomenclatura deve abranger passos, movimentos e figuras, não havendo uma terminologia fixa. A professora escolherá a sua.

A participação da professora em todos os movimentos é indispensável. Ela deve dançar com as crianças, fazendo parte integrante do conjunto, pois é importantíssimo que elas se sintam seguras de si e confiantes.

//*/*

/

NOVA PEDAGOGIA DA

EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

A situação educativa coloca à prova constantemente a personalidade do professor, pois para estimular a maturação integral do educando, se vê obrigado a selecionar e promover permanentemente, novas experiências.

Quando o educador domina as técnicas que deve empregar, conhece profundamente os conteúdos, e tem clara consciência dos objetivos a alcançar, e sabe como promover a aprendizagem, alcança um estado positivo de segurança.

A segurança beneficia a tarefa educativa, e infunde confiança aos educandos.

Quando este mesmo professor, em troca, deve transpor do estado de agente educativo para o de pesquisador, no campo da Educação Física Infantil, experimenta talvez certo grau de ansiedade, quando não de perplexidade.

Quais são as causas de tal estado de ânimo?

Em primeiro lugar, poderíamos fazer uma análise em

função do "complexo operacional aula" pelo de "complexo operacional pá-
tio". Acredito que desta análise, o aspecto fundamental, ou melhor a
síntese de tal situação, seria a mudança dos elementos da situação edu-
cativa.

Reflexionar sôbre o orientador e a Educação Física In-
fantil da criança dentro dos limites da escola pré-primária, obriga a
ajustar-se a perspectiva, e, com um critério, consciencioso, oferecer re-
cursos do mais alto grau de aplicabilidade.

Sem desconhecer a importância da fundamentação científi-
ca e filosófica da Educação Física, sem tampouco negar as mutações dos
grandes movimentos doutrinários e das escolas metodológicas, pretende-
mos estimular o educador a criar, partindo de uma base sólida e objeti-
va, conseguindo com isso uma série de situações auto-didáticas que o
tornem um agente polarizador de experiências baseadas em um núcleo de
realidades que focalizem um conjunto de recursos auxiliares, levando-o
a criar e construir sempre, pois o Professor de Educação Física, como
todo educador, deve trabalhar de acôrdo com um plano para conseguir re-
sultados concretos e que essa atitude deva nortear tôda a sua linha de
projeção em relação à criança.

No plano de vida da criança, a inteligência, habilida-
de e força aparecem, em geral num mesmo nível de apreciação, para ser o
mais forte e o mais hábil da classe.

As investigações têm demonstrado que a falta de habili-
dade, por exemplo, não é somente um fator físico, mas também psíquico.

Mutação e inovação

Criar significa mudar; uma educação para a criatividade-
de, deve ser, em certo sentido, uma educação para a mutação. A nossa era
é a de transformações e a mutação é característica permanente. Não há dú-
vida de que em face de tão rápidas transformações, também nós devemos mu-
dar e adaptar-nos às circunstâncias que se alteram, ou então, seremos
postos de lado pelos fatores evolucionistas.

A Educação Física Infantil desempenha portanto um papel importantíssimo dentro deste contexto de modificações, pois a criança de hoje, viverá a idade cósmica de amanhã, e portanto dentro de um critério de avaliação educacional os objetivos da mesma, deverão estar num plano constante de evolução e revisão, como unidade global de educação, ela tem o dever de projetar na criança uma formação básica, que em relação ao aspecto psico-físico, saúde e vitalidade, melhoria de suas funções fisiológicas de suas faculdades e aptidões físicas.

No aspecto intelectual, por meio dos cuidados físicos, o equilíbrio psico-físico e psico-mental irá afirmar, melhorar e aumentar as qualidades intelectivas.

E na moral, por criação de sentimentos e aspirações / dentro de uma condição de humanização, a valorização de conceitos no sentido de uma maior visão relacionada com a natureza do ser. O homem livre é aquele que age voluntariamente para atingir objetivos a longo prazo. Sabemos, que de acordo com esses critérios, somos livres até certo ponto pois nós que estruturamos e buscamos tais finalidades. Essas finalidades são expressões de nosso caráter, ou de nosso ser.

Diretrizes teóricas

Podemos considerar como meio de desenvolvimento teórico para a realização da educação física infantil, o sistema, e como meio de aperfeiçoamento prático o método. Portanto entendo o sistema como um conjunto de objetivos entrelaçados, para conseguir o desenvolvimento harmônico do corpo e a estruturação básica da personalidade.

Um sistema de educação física infantil, deverá reunir no mínimo os seguintes itens:

1. Sentido filosófico, baseado este na harmonia entre o corpo e o espírito, objetivando-se uma nivelção equilibrada de ambos.



2. Sentido biológico, baseado no conhecimento e aplicação da Biologia, Anatomia, Fisiologia, Psicologia e Higiene.
3. Sentido Pedagógico, baseado nos meios e procedimentos dos ensinamentos para conseguirmos efeitos educativos, efeitos higiênicos, efeitos somáticos, efeitos morais e psíquicos.
4. Sentido estético e artístico, baseado na reunião harmônica de forças orgânicas e emocionais.
5. Sentido higiênico-sociológico, baseado em desenvolver a formação de hábitos e ações eficientes para a vida prática, o trabalho e a recreação.

O sistema de educação física infantil estará baseado na síntese harmônica, empregando-se a análise para encontrar efeitos particulares e locais que sirvam para fins determinados (correção postural, etc...) o exercício tenderá a uma forma natural, e uma direção objetiva, Estimularemos a criança para um trabalho sem especialização, e nem automatismo. A Especialização, deverá ser estimulada, na minha opinião, a partir dos 10 anos de idade, pois até esta idade o educando deverá ter uma constância de educação psico-motora com objetivos de, quando, ao atingir a idade acima, uma condição eclética.

Objetivos da educação física infantil comportamentais e de conhecimento.

No aspecto pedagógico da Educação Física Infantil, se enfocam dentre os objetivos, o de aspecto comportamental, que visa estimular a socialização sendo que no pré-primário a criança deverá experimentar contatos sociais, brincar só, ou com poucas crianças e ajustar-se ao grupo.

No primário os objetivos comportamentais visam estimular o trabalho em cooperação, favorecendo o trabalho em grupo e capotando uma ativa participação e responsabilidade.

O conceito de liberdade, a sua conscientização /



por parte do educando poderá ser melhor compreendido se incentivarmos o desejo de associação através da criação de grupos com rodízios mensais, objetivando-se com isso, dentro dos grupos o florescimento de líderes, e indiretamente realizando-se uma dinâmica de grupo.

O aumento da aptidão física deverá objetivar o domínio das formas básicas do movimento, procurando atingir o domínio das aquisições motoras do seu corpo e do espaço. Deverá se dar enfoque a precisão dos movimentos, no sentido de viver as linhas e as formas aprendidas, levando-se o educando a expressar-se pelo movimento, aumentando sua criatividade. Conforme citei anteriormente, a formação de hábitos e atitudes deverá torná-los conscientes de seu gesto e de sua conduta.

Os objetivos relacionados com aspectos de conhecimentos caracterizam-se sob o ponto de vista pedagógico, por uma conscientização pois aprendendo novas formas de atividades e fazendo novas tentativas de experiências, provando e usando o corpo e sua capacidade de ação no mundo físico que a rodeia a criança irá realizar as ações em sua estrutura, ritmo e colocação espaço temporal, aumentando consequentemente sua destreza e estruturando as coordenações olhos-mãos e garantindo as coordenações mais delicadas.

O orientador deverá criar situações no sentido de que a criança descubra a estrutura rítmica das ações, aperfeiçoando e harmonizando os movimentos e com isso alcançando o estilo próprio do seu movimento, o mais completo possível.

Salvador Marcos Felisete

-O-O-O-O-

-O-O-

-O-

OS LEGUMES

Peça para teatro de fantoches
ou palco.

NOTA: Durante a aula de "como transformar legumes em cabeças de fantoches", uma das alunas au arrancar a palha do milho, viu uma lagarta e assustou-se. Logo a seguir, enrolando uma tira de papel crepon verde na mão e no antebraço, reproduziu, a boca de cena, o movimento do rastejar da lagarta. Foi o ponto de partida para esta pequena dramatização.

Os personagens serão fantoches feitos de legumes, O fato da lagarta ser muito maior do que os fantoches, aumentará o efeito dramático.

ATO ÚNICO

PERSONAGENS:- Dona Chica (beringela) Lagarta — Milho Doutor (aiporo) — Cenoura — Nabo — Pimentão.

CENÁRIO:- Um quintal.

D. Chica — (Entra aflita) — Doutor! Doutor! Venha depressa, minha filha está doente!

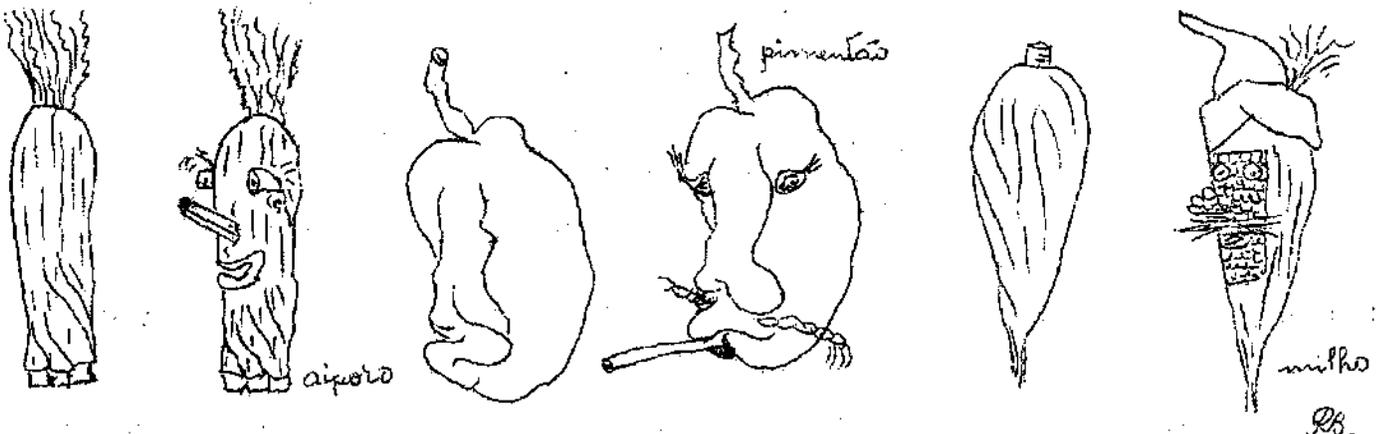
Doutor — (Aparece):— Isso se cura num instante, dê-lhe comida bastante.

D. Chica — Dou-lhe balas, caramelos, chica-bom, pé de moleque...

Doutor — (interrompe):— Basta de doces senhora, nada disso por favor, dê-lhe verduras bem frescas.

D. Chica — Não adianta Doutor, não tenho verduras em casa, moro longe da cidade, como comprá-las então?

Doutor — Não tem quintal por acaso? Veja aqui este canteiro. Vá comprar logo as sementes. Plante-as aqui na terra, logo, logo crescerão. Na panela, sobre o fogo, que boa sopa farão.



D. Chica — Mas doutor...

Doutor — (Empurra D. Chica): — Já receitei o remédio, depressa, depressa senhora, vá buscar o que lhe disse. (Para o público): Sou doutor muito sabido. Tenho miolo bastante (bate na cabeça). Comigo criança doente fica boa num instante. (Sai depois de pequena pausa).

D. Chica — (Entra, cava a terra, planta as sementes e rega o conteiro. Enquanto trabalha canta a conhecida canção "Está na hora de...")
Fiz o que o Doutor mandou, as verduras vão crescer e, depois de comê-las, minha filha ficará forte, corada. (Sai) Pausa.

Narradora — Vem a noite (Escurece-se a cena colocando papel azul em torno das lâmpadas). Vem o dia. (Retira-se o papel). Outra noite, outro dia (à medida que se fala, repete-se a operação de colocar e retirar o papel). Afinal, numa manhã de sol...

Nabo — (Aparece) Com as minhas folhas pontiagudas saí da terra num instante. D. Chica venha buscar-me depressa. Quero ir para a panela, mas estou preso aqui na terra.

Lagarta — (Rasteja à boca de cena): — Quer ser comido? Aqui estou e com muito apetite.

Nabo — Uma lagarta! Ai que medo! (A lagarta avança devagar). Não, por favor, não me coma. (Chora).

Lagarta — Não adianta chorar (Come o nabo). Minha pança está se enchendo. O que vejo? Outra verdura a nascer? As folhinhas já apontam, logo irão aparecer.



Cenoura — Cenourinha, cenourinha. De carne terra, rosada. Quem de mim comer bastante, ficará linda, corada.

Lagarta — (Para o público) Ser corada é ser bonita, porque a menina e não eu? Vou comer a cenourinha. (Aproxima-se da cenoura).

Cenoura — Bicho feio vá-se embora. A menina está doente, vim curá-la. A minha carne cozida ou então ralada na salada...

Lagarta — (Interrompe) Sou pálida, por isso sou feia (chega bem perto da cenoura), mas em breve me transformarei numa linda borboleta.

Cenoura — (Assustada). Vá-se embora bicho mau, eu vou...

Lagarta — (Interrompendo) Você vai para minha pança. (Engole a cenoura, vira-se para o público). E agora uma soneca, deitada aqui ao sol. (Espreguiça-se).

Pimentão — Aparece. Estou crescendo e bem depressa.

Lagarta — Outro legume já aponta, bem verdinho no canteiro!

Pimentão — Como é bom viver aqui, recebendo a luz do sol.

Lagarta — Não será por muito tempo.

Pimentão — Você é um bicho feio e tem cara de guloso.

Lagarta — Tôda a lagarta é gulosa. (Aproxima-se lentamente do pimentão)

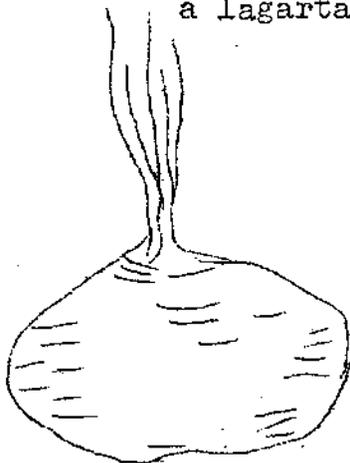
Pimentão — (Ameaçando). Cuidado lagarta, cuidado.

Lagarta — Olhe só o valentão.

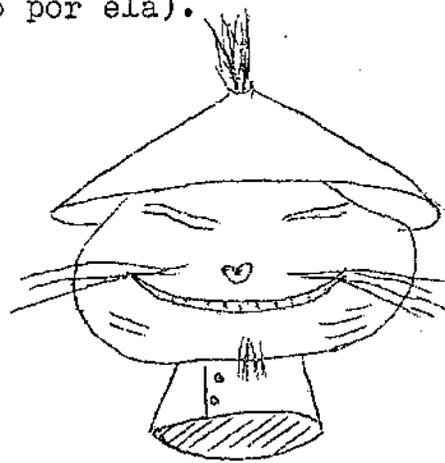
Pimentão — Pimentão verde ou vermelho, é forte, é valentão, quando irritado, zangado, não faz bem à digestão.

Lagarta — Mesmo assim não me escapará, sr. Pimentão.

Pimentão — (Cada vez mais exaltado). Cuidado lagarta, cuidado. (Luta c/ a lagarta, mas é engolido por ela).



nabo



Lag.

Lagarta — Ai! Ai! Ai! (pausa). Minha barriga está doendo (esfrega a barriga). Vou morrer, ai que dor! Ai! Ai! Ai! estou morrendo. — Foi aquele pimentão. Ai!)Depois de várias contorsões, a lagarta deixa-se cair à boca de cena e fica imóvel).

Milho — (Que durante a cena da luta apareceu ao fundo). Quanta palha, êste chapéu me atrapalha. Não posso olhar para o céu nem ver o sol tão amarelo, mas posso olhar para a terra e vi os pobres legumes, comidos um por um. (Admirado), O que vejo, ou tras verduras apontam! (Aparece a cenoura). Bom dia D. Cenoura, sempre elegante, hein!

Cenoura — Bom dia Sr. Milho, aqui está há muito tempo?

Milho — Sim, e cá do alto acompanhei seu crescimento e o de sua irmã, que alimentou a lagarta gulosa.

- Nabo — Ufa, ufa, até que enfim pus a cabeça para fora. Que custo pa-
ra sair da terra. Mas... antes de nós, outros vieram, onde
estão?
- Milho — A lagarta comeu-os todos.
- Pimentão — (Aparece) Como assim? a lagarta está morta. (Levanta a cabe-
ça da lagarta e a deixa cair novamente). Bem morta.
- Milho — Sim, o valente pimentão, deu-lhe grande indigestão.
- Pimentão — Meu irmão era bem forte. Um valente pimentão. Também eu te-
nho coragem, e serei o capitão. Das verduras que marchando,
prá panela agora irão. (Saem da cena marchando e cantando).
- Milho — (Que não acompanhou os outros, vira-se para as verduras que
já saem de cena). Pra panela com vocês, isso é que não! Sou
o milho da fogueira, fogueira de São João. E gosto de ser
comido, grão por grão.

C O R T I N A

- Menina — (Aparece adiante da cortina e canta o verso com a melodia da
conhecida canção popular — "A moda das tais anquinhas..."):

Eu sou a menina
Doente e cansada
Depois que comi verduras
Fiquei forte e corada

Doutor — (Entra cantando)

Sou doutor e sou esperto
Tenho ideias na cabeça
Se alguém ficar doente
O doutor é "tiro certo".

Abraçam-se e cantam juntos —

Pirolito que bate, bate,
Pirolito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.



couve-nabo



couve-nabo

*/**/**/*

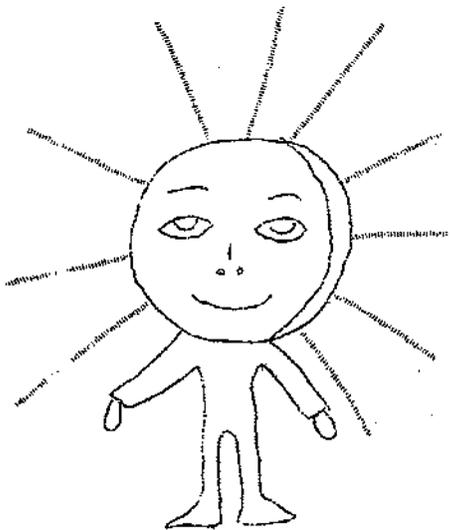
*/**

23.

O VAPORZINHO

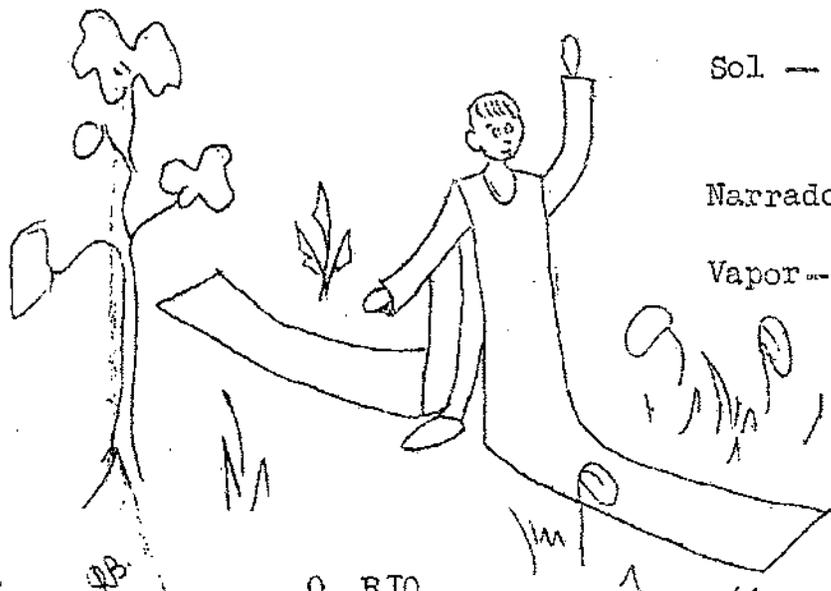
DRAMATIZAÇÃO:

PERSONAGENS — rio, sol, vapor, nuvem, vento
chuva, narradora.



O SOL

SOL — Cabeça de isopor com fios de arame presos em volta. Roupa em amarelo.



O RIO

RIO — Papel ou pano em tira larga com orifício no centro (azul claro). Roupa verde ou marron.

Rio — Eu sou o rio. Escutem o meu barulhinho.

Côro — Chuá, chuá, chuá.

Rio — Puxa! mas hoje o tempo está tão quente! Minhas águas parecem ferver... Vejam, elas diminuem com o calor do sol.

Sol — Ah! Sr. Rio... Sinto muito, mas é preciso que isso aconteça para que a sra. Chuva venha molhar a terra.

Rio — É. Não havia pensado nisso. O Sr. tem razão... Veja só!... Há uma fumacinha que sai de mim. Que será isso sr. Sol?

Sol — É o vapor... Suas águas aquecem e sobem para o céu. Veja...

Narradora — E surge então o vaporzinho.

Vapor — Ei! Sr. Rio! Desculpe não poder conversar, porque já estou subindo... Sou (a criança vai se afastando lentamente) o Vapor... Mas não se preocupe que um dia dêesses eu volto — aí então já serei chuva... Adeus!...

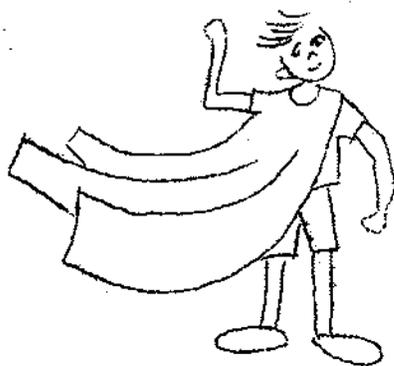
Vapor — (sòzinho) — Nossa! Já estou chegando perto do céu. Lá estão os outros vapores. Aqui em cima, a gente vê direitinho que são vapores — mas lá de baixo os vemos to dos tão juntinhos — por isso demos o nome de nuvens.



O V A P O R
Macacão cinza de bolas brancas.



A N U V E M
Algodão cobrindo um vestido.



O V E N T O
(roupa cinza com capa levantada sustentada por arames).

Nuvem - Ei, Vaporzinho! Venha se juntar a nós! Assim iremos crescendo, ... crescendo... até ficarmos bem gordos — aí então, quando tivermos bem cheios, arrebentaremos em chuva.

Vapor - Bem que desejava ficar nesse lugarzinho, mas existe algo me empurrando; dêsse jeito acabo chegando ao Ceará — Quem será que me empurra?

Vento - Sou eu, o vento. Desculpe mas preciso soprá-lo, Vaporzinho — Sospague, você vai encontrar uma outra nuvem. Às vezes até é bom, pois quem sabe você poderá fazer chover em um lugar que esteja precisando de você!

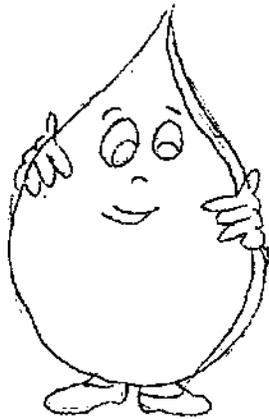
Vapor - Tem razão, Sr. Vento.

Narradora — E finalmente Vaporzinho se instala em uma nuvem grande, branquinha... branquinha... Parecia um algodão!... Lá em baixo, a terra estava quente e seca. As plantinhas morriam pouco a pouco. E os rios continuaram se evaporando, com o calor do sol.

Vaporzinho - Já estou aqui há 3 dias. Cada dia fico mais pesado, pois estão sempre chegando novos vapores.

Não estou mais tão branquinho... Estou ficando feio — cinzento, bem escuro.

Hii! Lá vem outra nuvem! Parece que vai se juntar a nós. A situação está piorando, e até após to que esta noite, ainda vou chover.



48.

A C H U V A

Gôta em isopor branco em tamanho que cubra uma menina. Deverá ficar pousada sôbre os pés e segura pelas mãos.

Côro -- (imitando barulho do trovão) --
Bum! Bum! -- E naquela noite, va
porzinho virou chuva. Escutem.

Chua! Chua!...

Chuva -- Ei! Ei! Estou caindo! Agora sou
chuva. Vou ajudar as plantinhas
a germinarem, ajudar o homem, la
vando suas casa, abaixando o po
das estradas, avolumando a água
dos rios para fornecer energia e
létrica.

Agora sim! Sei que estou ajudan
do alguém...

Maria Berenice Viana

-O-O-O-O-

-O-O-

-O-

A N I V E R S A R I A N T E S
DE AGÔSTO

- Dias 1 - Nancy Therezinha A. Fera - Dirigente - P.I. 28
14 - Dulce Aparecida Varella Motta - Dirigente - P. I. 31
20 - Aurelina B. Santos - Dirigente - P.I. 27
23 - Rubenita Aydar - Dirigente - P.I. 64
24 - Joana Marilena Felipe - Dirigente - P.I. 75

-O-O-O-O-

-O-O-

-O-

